**ALUNO (A):**


## DATA: / / 2018

**LISTA DE RECUPERAÇÃO DE LITERATURA**

# SÉRIE: 3º ANO

# 4º BIMESTRE

## PROFESSOR (A): KELLY

**Nota:**

**Leia o texto abaixo para responder o que se pede:**





**JOÃO GRILO**: Como vai a senhora? Já está mais consolada?

**MULHER**: Como, se além de perder meu cachorro, ainda tive de gastar treze contos para ele se enterrar?

**JOÃO GRILO**: Está aí, o dinheiro?

**MULHER**: Está. Entregue ao padre e ao sacristão.

**JOÃO GRILO**: Um momento. O que é que tem escrito aqui?

**MULHER**: Sacristão.

**JOÃO GRILO**: E aqui?

**MULHER**: Padre.

**JOÃO GRILO**: Pois por favor, escreva aqui “bispo e padre”.

**MULHER**: Bispo e padre? Por quê?

**JOÃO GRILO**: Porque houve aqui um pequeno arranjo e o bispo também teve que entrar no testamento.

**MULHER**: Que complicação! E se ao menos eu lucrasse alguma coisa... Mas perdi foi meu cachorro.

**JOÃO GRILO**: Quem não tem cão caça com gato.

**MULHER**: Hem?

**JOÃO GRILO**: Quem não tem cão caça com gato e eu arranjei um gato que é uma beleza para a senhora.

**MULHER**: Um gato?

**JOÃO GRILO**: Um gato.

**MULHER**: E é bonito?

**JOÃO GRILO**: Uma beleza.

**MULHER**: Ai, João, traga para eu ver! Chega a me dar uma agonia. Traga, João, já estou gostando do bichinho. Gente, não, é povo que não tolero, mas bicho dá gosto.

**JOÃO GRILO**: Pois então vou buscá-lo.

**MULHER**: Espere. Sabe do que mais, João? Não vá buscar o gato que isso só me traz aborrecimento e despesa. Não viu o que aconteceu com o cachorro? Terminei tendo que fazer o testamento.

**JOÃO GRILO**: Ah, mas aquilo é porque foi o cachorro. Com meu gato é diferente...

**MULHER**: Diferente por quê?

**JOÃO GRILO**: Porque, em vez de dar despesa, esse gato dá lucro.

**MULHER**: Fora vaca, cavalo e criação, bicho que dá lucro não existe.

**JOÃO GRILO**: Não existe, sei não... Eu fico meio encabulado de dizer!

**MULHER**: Que é isso, João, você está em casa! Diga!

**JOÃO GRILO**: É que o gato que eu lhe trouxe, descome dinheiro.

**MULHER**: Descome dinheiro?

**JOÃO GRILO**: Descome, sim.

**MULHER**: Essa eu só acredito vendo.

**JOÃO GRILO**: Pois vai ver. Chicó!

**MULHER**: Ah, e é história de Chicó? Logo vi.

**JOÃO GRILO**: Nada de história de Chicó, mas foi ele quem guardou o bicho. Chicó!

**CHICÓ**, entrando com o gato. Tome seu gato. Eu não tenho nada com isso. João dá-lhe uma cotovelada e apresenta o gato à mulher.

**JOÃO GRILO**: Está aí o gato.

**MULHER**: E daí?

**JOÃO GRILO**: É só tirar o dinheiro.

**MULHER**: Pois tire.

**JOÃO** **GRILO** virando o gato para Chicó, com o rabo levantado. Tire aí, Chicó.

**CHICÓ**: Eu não, tire você.

**JOÃO GRILO**: Deixe de luxo, Chicó, em ciência tudo é natural.

**CHICÓ**: Pois se é natural, tire.

**JOÃO GRILO**: Então tiro. (Passa a mão no traseiro do gato e tira uma prata de cinco tostões.) Está aí, cinco tostões que o gato lhe dá de presente.

**MULHER**: Muito obrigada, mas se você não se zanga quero ver de novo.

**JOÃO GRILO**: De novo?

**MULHER**: Vi você passar a mão e sair com o dinheiro mas agora quero ver é o parto.

**JOÃO GRILO**: O parto?

**MULHER**: Sim, quero ver o dinheiro sair do gato.

**JOÃO GRILO**: Pois então veja

**MULHER**, depois da nova retirada.

Nossa Senhora, é mesmo. João, me arranje esse gato pelo amor de Deus.

**JOÃO GRILO**: Arranjar é fácil, agora, pelo amor de Deus é que não pode ser, porque sai muito barato. Amor de Deus é coisa que eu tenho, dê ou não lhe dê o gato.

**MULHER**: Quer dizer que não tem jeito de eu arranjar esse gato?

**JOÃO GRILO**: De modo nenhum, há um jeito e é até fácil.

**MULHER**: Pois diga qual é, João.

**JOÃO GRILO**: Deixe eu entrar no testamento do cachorro.

**MULHER**: Pois você entra. Por quanto vende o gato?

**JOÃO GRILO**: Um conto, está bom?

**MULHER**: Esta não, está caro.

**JOÃO GRILO**: Mas por um gato que descome dinheiro!

**MULHER**: Já fiz a conta, vou levar dois mil dias só para tirar o preço.

**JOÃO GRILO**: Mas ele descome mais de uma vez por dia, a senhora não viu?

**MULHER**: Mas ele pode morrer. Só dou quinhentos e se você não aceitar será demitido da padaria.

**JOÃO GRILO**: Está certo, fica pelos quinhentos.

**MULHER**: Tome lá. Passe o gato, Chicó. Meu Deus, que gatinho lindo! Agora a coisa é outra, tenho um filho de novo e vou tirar o prejuízo.

Sai contentíssima.

**CHICÓ**: João, adeus. Eu vou-me embora.

**JOÃO GRILO**: Nada disso, tome lá a metade do dinheiro e deixe de ser mole.

**CHICÓ**: Homem, eu não tenho coragem de continuar sempre, é melhor fugir logo, enquanto tudo está em paz.

**JOÃO GRILO**: Não adianta, Chicó, você já entrou na história e agora é tarde porque a mulher descobre já.

Quantas pratas você conseguiu meter?

**CHICÓ**: Três!

**JOÃO GRILO**: Então o negócio estoura já.

(Ariano Suassuna – Auto da Compadecida)

**Após a leitura do texto, responda corretamente:**

1. Quantos personagens participam desse diálogo que você acabou de ler?
2. O que aconteceu com o cachorro da Mulher para ela dizer que o perdeu e teve despesas?
3. Qual a intenção de João Grilo ao dizer a Mulher que arranjou um gato que descomia dinheiro?
4. O que Chicó fez com o gato antes de trazê-lo para a mulher?
5. Por que Chicó não aceita a parte do dinheiro dele na venda do gato?



A obra dramática de Ariano Suassuna mostra-se alinhada a uma tradição literária ibérica que apresenta obras fundacionais.

Cite uma obra e um autor dessa tradição.

Peças teatrais podem ser escritas com diferentes finalidades e estratégias. Os **autos** ocuparam forte presença na literatura medieval e contemporânea com a célebre e premiada publicação de o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna. Caracterize essa tipologia teatral?

A última crônica

            A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer um flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu quereria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica. (Fernando Sabino – A Última Crônica)

O narrador conta que entrou no botequim para tomar um café. Mas qual era o real motivo?

A partir do texto a seguir, referente a Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues, preencha as lacunas corretamente.

*A técnica das ações simultâneas, em tempos diferentes, não seria eficaz, se não estivessem a ampará-la os três planos em que se divide a ação: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_.*

 (MAGALDI, S. Teatro completo de Nelson Rodrigues. vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1981. p. 16.)

TEXTO PARA PRÓXIMA QUESTÃO

**Auto da Compadecida.**

CHICÓ: - Mas padre, não vejo nada de mal em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO: - No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não benzeu?

PADRE: - Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar

CHICÓ: - Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE: - É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cchorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO: - É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE: - (mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILO: - Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE: - E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILO: - É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse o Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE: - (desfazendo-se em sorrisos) Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direitos de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO: - (cortante) Quer dizer que benze, não é?

PADRE: - (a Chicó) Você o que é que acha?

CHICÓ: - Eu não acho nada de mais.

PADRE: - Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus.

 (in Suassuna, Ariano - TEATRO MODERNO - AUTO DA COMPADECIDA. 8a ed., Rio: Agir-Instituto Nacional do Livro, 1971, pp. 32-34.)

 A espontaneidade dos diálogos, a força poética de seu texto e a capacidade de exprimir o espírito popular de nossa gente fazem com que o escritor Ariano Suassuna (1927) seja reconhecido como um dos principais autores brasileiros contemporâneos. Diz o crítico Sábato Magaldi que a religiosidade de Ariano "pode espantar aos cultores de um catolicismo acomodatício, mas responde às exigências daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira".

Com base nesta observação, responda:

Em que sentido o fragmento apresentado encerra uma crítica ácida ao modo como o padre comanda a sua paróquia?

A que gênero literário pertencem a obra como Vestido de Noiva, O Auto da Compadecida e O Pagador de Promessas? Aponte UMA característica própria deste gênero.

**NOITE DE AUTÓGRAFOS**

**Ivan Ângelo**

A leitora, vistosa, usando óculos escuros num ambiente em que não eram necessários, se posta diante do autor sentado do outro lado da mesa de autógrafos e estende-lhe o livro, junto com uma pergunta:

– O que é crônica?

O escritor considera responder com a célebre tirada de Rubem Braga, “se não é aguda, é crônica”, mas se contém, temendo que ela não goste da brincadeira. (...) Responde com aquele jeito de quem falou disso algumas vezes:

– É um texto de escritor, necessariamente de escritor, não de jornalista, que a imprensa usa para pôr um pouco de lirismo, de leveza e de emoção no meio daquelas páginas e páginas de dados objetivos, informações, gráficos, notícias... É coisa efêmera: jornal dura um dia, revista dura uma semana.

Já se prepara para escrever a dedicatória e ela volta a perguntar:

– E o livro de crônicas, então?

Ele olha a fila, constrangido. Escreve algo brevíssimo, assina e devolve o livro à leitora (...). Ela recebe o volume e não se vai, esperando a resposta. Ele abrevia, irônico:

– É a crônica tentando escapar da reciclagem do papel. Ela fica com ambição de estante, pretensiosa, quer *status* literário. Ou então pretensioso é o autor, que acha que ela merece ser salva e promovida. (...)

– Mais respeito. A crônica é a nossa última reserva de estilo.

(*Veja São Paulo*, São Paulo, 25/07/2012, p. 170.)

**efêmero**: de pouca duração; passageiro, transitório.

A certa altura do diálogo, a leitora pergunta ao escritor que dava autógrafos:

“– E o livro de crônicas, então?”

 A pergunta da leitora incide sobre uma das características do gênero crônica mencionadas pelo escritor. Explique que característica é esta.

A peça O pagador de Promessas de Dias Gomes já se inicia com Zé-do-Burro e Rosa chegando a Salvador, à procura da igreja consagrada a Santa Bárbara.



Por que eles procuram essa igreja?

Sobre Nelson Rodrigues, responda:

1. . Vinte anos após sua morte, qual é o seu legado para o teatro?
2. Que visão do Brasil emerge de suas peças?
3. Sua influência não seria excessiva hoje?
4. Leia o texto abaixo para responder à questão a seguir.

**O arquivo**

No fim de um ano de trabalho, joão obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos.

joão era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Agora, joão acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.

Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.

joão preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

Uma tarde, quase ao fim do expediente, foi chamado ao escritório principal.

Respirou descompassado.

— Seu joão. Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor.

joão baixou a cabeça em sinal de modéstia.

— Sabemos de todos os seus esforços. É nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento.

O coração parava.

— Além de uma redução de dezesseis por cento em seu ordenado, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto.

A revelação deslumbrou-o. Todos sorriram.

— De hoje em diante, o senhor passará a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Contente?

Radiante, joão gaguejou alguma coisa ininteligível, cumprimentou a diretoria, voltou ao trabalho.

Nesta noite, joão não pensou em nada. Dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio.

Mais uma vez, mudou-se. Finalmente, deixara de jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminara certas despesas inúteis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência.

A vida foi passando, com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho.

Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:

— Seu joão. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários.

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse.

Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

— Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

— Mas seu joão, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha?

A emoção impediu qualquer resposta.

joão afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, duas arestas. Tornou-se cinzento.

joão transformou-se num arquivo de metal.

GIUDICE, Victor. *Necrológio*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1972, p. capa-4.

O nome próprio João é grafado no conto “O arquivo” de uma maneira singular, com a letra inicial minúscula. Comente a relação entre esse dispositivo estilístico e o conteúdo do conto.

1. **Minuto de Silêncio**

O rei morreu, e o governo decretou: no dia seguinte ao do enterro, às dez horas da manhã, toda a população deveria guardar um minuto de silêncio. Assim foi feito, e à hora aprazada um pesado silêncio caiu sobre todo o país.

As pessoas que estavam na rua viam outras pessoas, absolutamente imóveis, em silêncio. Supostamente deveriam estar pensando no monarca falecido, e, de fato, muitos pensavam nele; na verdade quase todos, a exceção sendo representada por um professor de matemática que tão logo ficou em silêncio, pôs-se a fazer cálculos e descobriu que a soma dos minutos de silêncio de vinte e seis milhões e oitocentos mil cidadãos equivalia a cinquenta anos, exatamente a idade que tinha o rei ao falecer. Uma vida se perdeu, pensou o professor, outra vida se está perdendo agora, no silêncio. E logo depois: não está se perdendo, não inteiramente, pois algo descobri – o que será?

Nesse momento, na maternidade, sua mulher dava a luz a uma criança que, portadora de múltiplas lesões congênitas, não resistiu: viveu apenas um minuto. O tempo suficiente para que a mãe a batizasse com o nome do saudoso rei.

SCLIAR, Moacyr. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 102.

Explique a descoberta do professor de matemática, personagem do conto “Minuto de silêncio”, considerando o desfecho da narrativa.

1. Leia.

**NOITE DE AUTÓGRAFOS**

**Ivan Ângelo**

A leitora, vistosa, usando óculos escuros num ambiente em que não eram necessários, se posta diante do autor sentado do outro lado da mesa de autógrafos e estende-lhe o livro, junto com uma pergunta:

– O que é crônica?

O escritor considera responder com a célebre tirada de Rubem Braga, “se não é aguda, é crônica”, mas se contém, temendo que ela não goste da brincadeira. (...) Responde com aquele jeito de quem falou disso algumas vezes:

– É um texto de escritor, necessariamente de escritor, não de jornalista, que a imprensa usa para pôr um pouco de lirismo, de leveza e de emoção no meio daquelas páginas e páginas de dados objetivos, informações, gráficos, notícias... É coisa efêmera: jornal dura um dia, revista dura uma semana.

Já se prepara para escrever a dedicatória e ela volta a perguntar:

– E o livro de crônicas, então?

Ele olha a fila, constrangido. Escreve algo brevíssimo, assina e devolve o livro à leitora (...). Ela recebe o volume e não se vai, esperando a resposta. Ele abrevia, irônico:

– É a crônica tentando escapar da reciclagem do papel. Ela fica com ambição de estante, pretensiosa, quer *status* literário. Ou então pretensioso é o autor, que acha que ela merece ser salva e promovida. (...)

– Mais respeito. A crônica é a nossa última reserva de estilo.

(*Veja São Paulo*, São Paulo, 25/07/2012, p. 170.)

**efêmero**: de pouca duração; passageiro, transitório.

A certa altura do diálogo, a leitora pergunta ao escritor que dava autógrafos:

“– E o livro de crônicas, então?”

 A pergunta da leitora incide sobre uma das características do gênero crônica mencionadas pelo escritor. Explique que característica é esta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho a seguir.

Enquanto mamãe fazia os curativos eu só pensava no cavalinho que eu ia ganhar. Todos os dias quando acordava, a primeira coisa que eu fazia era olhar se o pé estava desinchado. Seria uma maçada se vovô chegasse com o cavalinho e eu ainda não pudesse montar […].

Mas quando a gente é menino parece que as coisas nunca saem como a gente quer. Por isso é que eu acho que a gente nunca devia querer as coisas de frente por mais que quisesse, e fazer de conta que só queria mais ou menos. Foi de tanto querer o cavalinho, e querer com força, que eu nunca cheguei a tê-lo.

VEIGA, José J. Os cavalinhos de Platiplanto. In: *Melhores contos J. J. Veiga*. Seleção de J. Aderaldo Castello. 4. ed. São Paulo: Global, 2000. p. 30-31.

O trecho transcrito relata uma experiência vivida pelo protagonista do conto “Os cavalinhos de Platiplanto”, da qual decorre um sentimento negativo que será superado por meio da fusão entre os planos da realidade e da fantasia. Considerando o trecho transcrito no contexto geral do conto, responda:

a) qual a experiência vivida pelo protagonista e o sentimento negativo dela decorrente?

b) Qual a estratégia utilizada para fundir os planos da realidade e fantasia e por que essa estratégia promove a superação do sentimento negativo do protagonista?

 TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir refere(m)-se à comédia "O Juiz de Paz na Roça", de Martins Pena, dramaturgo que enriqueceu o universo do Romantismo brasileiro com uma forma simples de construir o texto teatral, produzindo efeitos de humor. Para tanto, registrou características e costumes da sociedade da época do Império, os quais se conservam ainda atuais.

Essa comédia, assim como as demais do autor, se desenvolve através de personagens que possuem características específicas. Que caraterísticas são essas?

22. Leia o excerto do texto dramático *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

 MANUEL – Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos pois vão ser julgados.

 JOÃO GRILO – Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas, se não me engano, aquele sujeito acaba de chamar o senhor de Manuel.

 MANUEL – Foi isso mesmo, João. Esse é um dos meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus... Ele gosta de me chamar de Manuel ou Emanuel, porque assim quer se persuadir de que sou somente homem. Mas você, se quiser, pode me chamar de Jesus.

 JOÃO GRILO – Jesus?

 MANUEL – Sim.

 JOÃO GRILO – Mas espere, o senhor é que é Jesus?

 MANUEL – Sou.

 JOÃO GRILO – Aquele a quem chamavam Cristo?

 JESUS – A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

 JOÃO GRILO – Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado. [...] A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto. [...]

 MANUEL – Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceito de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim tanto faz um branco ou um preto. Você pensa que sou americano para ter preconceito de raça?

A obra dramática de Ariano Suassuna mostra-se alinhada a uma tradição literária ibérica que apresenta obras fundacionais. Cite uma obra e um autor dessa tradição.

23. Gabriel: Mariana! Agora a decisão depende apenas de nós.

Mariana: Eu sei.

Gabriel: Queres me acompanhar assim mesmo? Casaremos na primeira capela do vale.

Mariana: Não te faria feliz, Gabriel.

Gabriel: Por que não?

Mariana: Levaria para as tuas terras, para ti, todo este ódio.

Gabriel: Este ódio não está em ti.

Mariana: Sem o consentimento de minha mãe, estaríamos sempre ameaçados. Não ouviste sua ameaça?

Gabriel: Tua mãe é injusta.

Mariana: É injusta, mas é minha mãe. Também não partiste por causa de teu pai?

Gabriel: Terei de ficar, Mariana? E esperar novamente?

Mariana: (Aflita) Não! Seria arriscar tua vida.

O trecho acima exemplifica um gênero literário que foi desenvolvido por grandes autores brasileiros. Cite o nome de pelo menos 3 desses autores.

24. Auto da Compadecida.

CHICÓ: - Mas padre, não vejo nada de mal em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO: - No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não benzeu?

PADRE: - Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICÓ: - Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE: - É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO: - É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE: - (mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILO: - Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE: - E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILO: - É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse o Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE: - (desfazendo-se em sorrisos) Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direitos de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO: - (cortante) Quer dizer que benze, não é?

PADRE: - (a Chicó) Você o que é que acha?

CHICÓ: - Eu não acho nada de mais.

PADRE: - Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus.

 (in Suassuna, Ariano - TEATRO MODERNO - AUTO DA COMPADECIDA. 8a ed., Rio: Agir-Instituto Nacional do Livro, 1971, pp. 32-34.)

 A espontaneidade dos diálogos, a força poética de seu texto e a capacidade de exprimir o espírito popular de nossa gente fazem com que o escritor Ariano Suassuna (1927) seja reconhecido como um dos principais autores brasileiros contemporâneos. Diz o crítico Sábato Magaldi que a religiosidade de Ariano "pode espantar aos cultores de um catolicismo acomodatício, mas responde às exigências daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira".

Com base nesta observação, responda:

Em que sentido o fragmento apresentado encerra uma crítica ácida ao modo como o padre comanda a sua paróquia?

25. Aponte características do texto teatral.